
8 — CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A FITOGEOGRAFIA DO ESTADO DO ESPIRITO SANTO

Dado o conceito e a definição de Fitogeografia, em páginas anteriores, é estritamente a ele que limitarei o estudo da flora e vegetação do Estado do Espírito Santo, que se acha compreendida em sua superfície aproximada de 44.000 kms.2., envolvida pela seguinte posição geográfica: 18°5' e 31° 28' de Latitude Sul e 28°51' e 41°50' de Longitude a W. Grenw ou seja: do Rio Mucuri, na divisa com os Estados da Bahia e M. Gerais ao Norte, até o Rio Itabapcana, em divisa com o Estado do Rio de Janeiro, ao Sul, e desde as ilhas Oceânicas de Trindade e do Arquipélago Martin Vaz. no Oceano Atlântico á Leste, até a localidade Barra do Rio S. João, afluente do Rio Itabapoana, Município de Guaçuí, como ponto extremo á Oeste; e acompanhando tôda a divisa do E. Santo com o Estado de Minas Gerais, inclusive a região do Contestado, uma vez que para a ciência essas fronteiras não estão definidas; em altitudes que vão desde o nível do mar, nas praias, ou mesmo em seu interior, abaixo desse nível

quando considero o estudo do Fictoplanton e Bentos e acima do nível do mar, desde as praias até o Pico da Bandeira na Serra do Caparaó, a 2890 metros de altitude, ponto culminante do Brasil. Dentro desses limites fisiográficos estabelecidos para a nossa Fitogeografia, tenho antes de assinalar e destacar muitos trabalhos sobre a Fitogeografia do Brasil, que fazem referências ou envolvem o Estado do Espírito Santo, destacando-se cronologicamente os seguintes: C. F. Ph. Martius 1824, A. Saint'Hilaire 1824-33, R. Copeland 1784, Ross e J. D. Hooker 1839, C. F. Hartt 1870, J. M. Caminhoá 1879, H. Von Ihering 1877-1907, J. B. Rodrigues, 1903; Ph. Von Luetzelburg 1922-23, F. C. Hoehne 1922-44, G. de Campos 1924, A. Engler 1924-36, J. C. Diogo 1926, P. Denis 1927, C. Barboza 1930, P. Deffontaines 1933, A. F. Schimper 1935, A. Ruschi 1938-50, Maria Stella de Novaes 1938-46, L. B. Santos 1940-43, J. S. Beard 1944, A. J. Sampaio 1945, P. F. Souza 1945, A. C. Smith 1945, A. B. de Oliveira 1946, C. Stellfeld 1948, P. Dansereau 1948 e H. L. Waibel 1948, ainda cito como homenagem aos Botânicos e coletores de material Botânico do E. Santo, que serviram de base para os trabalhos publicados na Flora Brasiliensis de Martius, pela ordem cronológica os seguintes: M. Prinz Maximillian Wied-Neuied, F. Sellow e Georg Wilhelm Freireiss 1815-16; A. de Saint'Hilaire 1818; Jean Jules Linden 1835-37; Theodoro Peckolt 1850; Joahannes Theodor Reinhardt 1856; Dr. Franz Rudlo 1859, viveu como médico em S. Leopoldina, onde faleceu em 1877, foi o primeiro residente no E. E. Santo, que herborizou material botânico para o Museu de Berlin; H. Wawra Von Fernsee 1860; João Barboza Rodrigues 1869-70; Amaro Ferreira das Neves Armond 1874, médico, viveu e faleceu em Vitória no E. Santo; Julio T. de Moura 1884-1890; Therese Prinzessin von Bayern 1888, esta Princesa esteve em S. Teresa. S. Leopoldina em 29-2-88 e em muitas localidades do E. Santo; e Ernst Heinrich Georg Ule 1895. Na bibliografia geral inúmeros trabalhos estão relacionados, entre muitas centenas que forneceram-me importantes elementos para esta obra.

Os trabalhos de Engler & Diels, Ph. Von Luetzelburg, C. F. Hartt e Alberto José Sampaio, trataram mais diretamente da vegetação espiritosantense no campo Fitogeográfico; especialmente o último, em sua Fitogeografia do Brasil embora reconheço que em suas linhas Gerais, em nada tenha modificado o aspecto Fitogeográfico no Sistema Engler & Diels, no que toca ao E. Santo, fez um exame mais detalhado, incluindo-o na Flora Geral ou Extra Amazônica, na ZONA DAS FLORESTAS ORIENTAIS OU DAS MATAS COSTEIRAS e ZONA MARITIMA, considerando nesta última, a vegetação halófila, a flora insular das ilhas afastadas como a da Ilha da Trintade e Martin Vaz e das Ilhas Costei-

ras e o Fictoplanton; a restinga e os campos antropocóreos ou artificiais e mesmo os de disjunções, sejam as Savanas ou Campos Limpos e Campos Alpinos, no Pico da Bandeira na Serra do Caparaó, como como a eles se referiu.

Com os estudos que realizei nesses últimos anos e com o avanço e conceitos atuais da Fitogeografia já enunciados, não tive a menor dúvida de trazer a lume os inúmeros traços que nos obriga a dizer que a Flora Espiritosantense tem suas origens na Amazonia e que lhe é mesmo uma extensão; não só pelo grande número de espécies de grande porte arbóreo que lhe são comuns, mas, também pelo exame de sua fauna que, apresenta em quasi todas as Classes Vertebradas, espécies que só nelas são encontradas, e é apegado a essas espécies vicariantes, vegetais e animais que poderei tecer considerações mais precisas para então, considerar a região das MATAS COSTEIRAS, que se assentam no Terciário ou Tabuleiro, como as Florestas Amazônicas, em sentido de tratá-las como já outros autores pretenderam, em chamá-las de FLORESTA ATLANTICA, embora não só no E. Santo estejam os seus limites, pois o Sul da Bahia, é também possuidor de idênticas florestas. E como tais florestas dos Tabuleiros, atingem mais da metade do território espiritosantense, indo em certos trechos desde as encostas, a altitudes de até 150 metros e chegam até as proximidades das restingas, não atingindo nunca o Arqueano, e atravessam longitudinalmente numa faixa ora bastante larga e noutras vezes muito estreita, desde o Rio Mucuri até o Rio Itabapoana, acreditando que se prolongasse pelo Estado do Rio, pois ali são extensas as áreas dos Tabuleiros, onde ainda restos de Florestas Virgens, ou Florestas Primitivas atestam a presença de idênticas espécies que são encontradas ao norte do Rio Doce. Na parte referente a GEOLOGIA E RELEVO DO E. SANTO, nascem os indeléveis traços que não só esboçam, mas, aprofundam com ênfase o critério científico dessa afirmativa de E. Martonne, que bem se justifica ao nosso território, se desejarmos conhecer a nossa Fauna e a nossa Flora, é necessário ao menos voltar nossas pesquisas ao Terciário, e foi justamente antes do reajuste desse Período, que os mares desde o Amazonas, penetraram por todo o litoral até o Rio de Janeiro, atingindo justamente toda a faixa Terciária espiritosantense, e desde esse passo geológico iniciou-se um maior contato e semelhança entre o E. Santo e a Amazônia; justamente por ser esta a Era Cenozóica ou seja a mais jovem, uma vez que abrangeu as Epocas: Pleistocena e Holocena.